

M

EMÓRIA

★ CANTO DE ADEUS A J. GUINSBURG

Sônia Machado de Azevedo

Doutora e Mestre em Artes pela Universidade de São Paulo – USP, com formação em Dança Moderna pela Escola Arte do Movimento. Tem experiência na área de Artes, com ênfase no ensino do teatro, teatro, dança, performance e trabalhos de corpo voltados à atuação do ator; professora e intérprete, pesquisa a arte enquanto possibilidade de transformação humana. Tem livros publicados – teóricos e de ficção – e artigos sobre teoria teatral em livros e revistas ligadas às universidades públicas. Dedicou-se atualmente à pesquisa, à ficção, à direção e à dramaturgia. Professora titular em Práticas Corporais no bacharelado, pós-graduação e mestrado na Escola Superior de Artes Célia Helena.

Jacó Guinsburg

Jacó Guinsburg nasceu em 1921, Bessarábia, atual Moldávia e faleceu em São Paulo em 2018. Doutor em Artes Cênicas pela Universidade de São Paulo (USP), formou e orientou gerações de professores, pesquisadores e artistas como professor da Escola de Arte Dramática (EAD) e do Departamento de Artes Cênicas (CAC) da USP. Em 2001, recebeu o título de Professor Emérito da USP. É considerado um dos mais importantes especialistas em teatro russo e ídiche no Brasil. Semiologista, teórico e crítico de teatro, ensaísta, editor, tradutor, fundador e diretor-presidente da Editora Perspectiva, referência no campo editorial brasileiro nas áreas de Artes, Ciências Humanas, Comunicação, Estética, Filosofia, Linguística, Teoria Crítica, entre outras. Como editor foi responsável por apresentar ao Brasil nomes como Umberto Eco, Anatol Rosenfeld, Erich Auerbach, Roman Jakobson, Martin Buber, Tzvetan Todorov, Fernand Braudel, Benedito Nunes, Afonso Ávila, Haroldo de Campos, Décio de Almeida Prado e tantos outros.

São Paulo, Vila Madalena, 15 de setembro de 2019, noite.

E escrevo agora como quem canta, como quem dança, como quem chora. Não há outra maneira de dizer adeus a J. Guinsburg, meu velho amigo que partiu há quase um ano, meu pai espiritual.

Gostaria de escrever com a leveza que tinham suas poesias que eu lia, em voz alta, na sua sala da Editora Perspectiva, em muitas manhãs de sol, mas não vou conseguir. Sim, eu conheci o Jacó poeta e acompanhava a delicadeza com que escrevia e depois me escutava ler, os olhos semicerrados, como fazia quando nos ouvia durante os seminários que propunha no curso de Estética Teatral da ECA-USP, no início dos anos setenta.

Morreu em 21 de outubro de 2018 e recebi essa notícia no meio de um espetáculo teatral, na escola do meu neto adolescente. Saí do teatro correndo e liguei para uma amiga que me disse apenas: “o coraçãozinho dele parou de bater.” Desliguei. Seu imenso e generoso coração havia cansado de bater. Ele estava cansado, eu sabia, ele me havia dito. Cansado de ser um espírito ainda jovem, vibrante e lúcido habitando um corpo muito velho, que só lhe trazia sofrimento.

Há muitos anos eu esperava a hora do adeus e a cada vez que o via pensava: haverá mais um dia? E mesmo que quase um ano tenha se passado desde sua morte, ainda me sinto completamente

indefesa frente à dor da despedida e frente à falta que ele me faz.

Um Mestre, como Jacó foi para mim, durante cinquenta anos, deixa, com sua partida, um vazio no peito impossível de ser preenchido. Sua ausência será um triste para sempre durante o tempo de vida que me restar..

Imagino meu Mestre lendo esse texto e fazendo uma piada qualquer sobre a eternidade, sobre o esquecimento, sobre ele mesmo ou sobre mim. Com certeza riria do que escrevo, como sempre fez de modo generoso e amável corrigindo, com sabedoria e afeto, o que eu dizia, o que eu escrevia. Acho que ele me achava muito séria, embora lembrasse da moto vermelha que eu tinha e dos meus cabelos desgrenhados, quando chegava para a sua aula. “Muito namorada você era”, ele diria depois. E isso era a mais pura verdade.

Nossas conversas, através dos anos, eram alegres e cheias de risadas, pois Jacó sabia transformar os assuntos que eu trazia preocupada, em grandes e inacreditáveis piadas. Tenho tanta saudade desses momentos em que a conversa parecia não ter fim e o tempo ficava suspenso!

Não escrevo, neste momento, sobre a importância desse homem memorável em todos sentidos: estudioso ímpar, tradutor, escritor, professor, editor e muito, muito mais. Eu não saberia fazer isso. Seu currículo é extensíssimo e de conhecimento público. Jacó pertence a um Brasil que desmorona e a uma geração extraordinariamente atuante e ativa que, infelizmente vai nos deixando.

Ele certamente não concordaria com isso que escrevi acima, tinha esperança e acreditava em nós que havíamos sido seus alunos e nas gerações mais jovens. Tinha orgulho de nós. Tinha esperança na humanidade. Tinha fé no poder transformador da arte. E eu admirava isso nele. A generosa esperança.

O ser generoso e livre que ele era decididamente continuará a ser o exemplo a ser perseguido por mim e por todos que o conheceram; por seus “jacobinos”, como eu sempre dizia a ele e ele gostava de ouvir.

O Professor que conheci ainda na faculdade, no início dos setenta era, sobretudo, aquele que ensinava a pensar. E a pensar livremente. Sem medo. Sem barreiras. E nos lançava desafios para esse aprendizado com textos filosóficos e teatrais terríveis, difíceis. Naquele época pensei em abandonar o curso por causa dele!

Em suas aulas teóricas Jacó nos dava permissão para a grande aventura do pensamento e de uma vida de pesquisa e o estudo. Estávamos em plena ditadura, mas mesmo assim havia uma vida para ser descoberta, um caminho do viver em liberdade, uma vida em busca de nós mesmos e daquilo que fazia sentido procurar naquele mundo doido, naquele momento difícil do país em que vivíamos.

No início, tínhamos todos muito medo dele, impunha-se com um conhecimento e, mais que isso, com uma memória arrasadora. Ele parecia ser muito sério. Muitos anos depois descobri que essa seriedade era o outro lado de um humor impagável, às vezes terno, às vezes ácido, mas nunca rude. A imensa solidariedade do professor atravessou as paredes da sala de aula e se prolongou por toda minha vida, mantendo-se por perto, com enorme discrição, sempre pronto a ajudar.

Acompanhou minha vida atribulada, me ajudando como se auxilia a uma filha querida com atenção e carinho. Deu-me sempre bons conselhos, conselhos de amigo, conselhos de pai. Serei grata para sempre. Nunca esquecerei sua generosidade e penso agora enquanto escrevo: ele era de uma aterradora sinceridade, mas uma sinceridade profundamente amorosa, embora terrível, que eu amava.

Meu mestrado só existiu por suas cobranças e meu doutorado por sua sugestão, acompanhamento e apoio. Acompanhou minha vida profissional no SESI me ajudando com reflexões e sugestões sobre o que eu fazia, sempre sábio. E se estou há dez anos trabalhando no Célia Helena e sendo feliz, sei que fui indicada por ele, sei que estou aqui por causa dele.

Publicou meus livros teóricos, que pratica-

mente escrevemos juntos, e minha ficção, sendo sempre meu primeiro leitor. Acho mesmo que ele foi a pessoa que mais leu o que passei a vida escrevendo! Um dia me disse: “Minha filha, eu não posso publicar suas obras completas”!

Tenho um profundo orgulho de poder dizer que foi meu amigo e minha amizade mais duradoura. Uma amizade para sempre. Sei que ele riria disso também, acharia divertida toda essa minha intensidade. Não me importo: muitas vezes chorei também junto a ele, como estou chorando agora ao escrever e não me envergonho disso.

Fui sua amiga e tive a imensa sorte de ter podido agradecer a ele, na última vez que o vi, em sua casa, tudo que fez por mim. Pude dizer a ele tudo que eu sentia nesse nosso derradeiro encontro. Agradei por ter me ajudado a ser a pessoa que sou, ter me permitido participar da sua amizade pela vida afora.

Depois subi a rua em que ele morava rumo ao metrô e à minha vida já sem meu segundo pai.

Agora ele mora em mim.

Talvez seja assim mesmo: os que amamos nunca morrem. ☆